

Índice Orkut

Por Cid Torquato

O Orkut virou febre e mania entre internautas de todo o mundo. No caso do Brasil, o fenômeno assumiu proporções epidêmicas, como vem sendo amplamente divulgado pela imprensa nacional.

O motivo de tanta euforia é que nós, brasileiros, em apenas alguns

meses de operação, já formamos a maior comunidade de usuários Orkut do mundo. Somos mais de 600 mil cadastrados, o que representa cerca de 50% do total de participantes espalhados pelo planeta.

Assim, se o Orkut fosse um índice, o Brasil estaria em primeiro lugar no mundo, seguido, de longe, pelos Estados Unidos, com 18% dos usuários.

Como no caso do Orkut, o Brasil foi early adopter de algumas das principais tecnologias contemporâneas. Para ficarmos apenas em três exemplos absolutamente emblemáticos, lembremos que fomos o segundo país do mundo a ter telefone, trazido pelo próprio Dom Pedro II (que o comprou diretamente do inventor Graham Bell); o terceiro a introduzir o rádio; e o segundo a investir em televisão, pelas mãos do nosso pitoresco tycoon Assis Chateaubriand.

Na verdade, mais do que necessariamente positivos, esses dados apontam um grave e inexplicável paradoxo, ao qual estão submetidos nossa sociedade, nossa economia e nosso mercado como um todo.

Para mim, é muito difícil compreender como um país que, a partir desses e outros pioneirismos, desenvolveu, historicamente, uma sofisticada comunidade tecnológica – acadêmica e empresarial, mas não conseguiu disseminar o seu uso ou transformar sua indústria em uma grande potência exportadora.

Por outro lado, países que tiveram experiências muito mais dramáticas que as nossas, que viveram violentas guerras, miséria, terrorismo e catástrofes naturais, como Coréia,

Índia, Taiwan, China, Cingapura e Irlanda, entre outros, saíram do nada e mudaram suas histórias e seus destinos, tornando-se poderosos produtores, exportadores e usuários de novas tecnologias, em geral, e das tecnologias da informação em particular.

As únicas razões plausíveis que encontro para tentar entender esse infeliz fenômeno mostram que, enquanto as elites desses países foram visionárias e se uniram para promover suas revoluções tecnológicas, nós, no Brasil, continuamos deitados nos berços “esplêndidos” do elitismo, do exclusivismo, do protecionismo, da reserva de mercado, do preconceito e do isolacionismo, insistindo em manter nosso perverso status quo sócio-econômico, segundo o qual os que detêm se definem pelo contraste com os despossuídos.


Por essas e outras, hoje temos um déficit de balança comercial em TICs de cerca de oito bilhões de dólares/ano, que, segundo estimativas, pode chegar, até o final da década, aos 30 bilhões de dólares, cifra muito próxima a todas exportações atuais do agronegócio brasileiro. Esse tipo de ameaça acontece ao mesmo tempo em que nossa mídia, TVs e rádios, em que fomos pioneiros e potência, hoje quebrados, são vendidos aos nossos hermanos venezuelanos e mexicanos.

Ah, por último, vale lembrar, o Orkut não é um índice, mas apenas mais um gadget virtual, ainda por mostrar sua real utilidade. Segundo último estudo internacional da respeitadíssima *The Economist*, o Brasil não está em primeiro, mas em 35º lugar em desenvolvimento de nossas TICs.



Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico

 cid.torquato@camara-e.net